



DUARTE, Janaina Luciane.
Especialização em
Neuropsicopedagogia.
Pedagoga.
(CENSUPEG).
janainaluciane@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/9936256546946770>

GONZAGA, Cláudia Maria
Sedrez.
Fonoaudióloga Clínica.
Mestre em Ciências
Médicas.
(CENSUPEG).
Coautora.
cedroez_48@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8719229313648120>
<http://lattes.cnpq.br/8719229313648120>

BUFFA, Maria José
Monteiro Benjamin.
Doutora em Ciências da
Reabilitação - Distúrbios da
Comunicação Humana.
Chefe Técnica do Serviço de
Educação e Terapia
Educativa
Recreação/TO/Cedau/NIRH).
(USP).
Coautora.
zezebuffa@usp.br
anaisamafra@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9095038612472527>

DUARTE, Janaina Luciane;
GONZAGA, Claudia Maria Sedrez;
BUFFA, Maria José Monteiro
Benjamin. Análise da escrita da
criança com deficiência auditiva
sensorineural inserida no ensino
regular. **REFS – Revista
Eletrônica da Faculdade
Sinergia**, Navegantes, v.11, n.17,
p. 32-43, jan./jun. 2020.

ANÁLISE DA ESCRITA DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA SENSORINEURAL INSERIDA NO ENSINO REGULAR

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a escrita de seis crianças, entre sete e oito anos, com perda auditiva sensorineural que frequentam o Centro Educacional do Deficiente Auditivo (Cedau), no Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo (HRAC- USP), em Bauru-SP. No contra turno, frequentam escola de ensino regular, todas em processo de reabilitação na abordagem auricular e em fase de alfabetização. As seis crianças fazem uso de implante coclear (I/C) e/ou Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI). O instrumento de dados consistiu em uma Prova das quatro palavras e uma frase adaptada de Grossi (1987). Concluiu-se que a maioria das crianças apresentou alterações ortográficas incompatíveis com seu nível escolar. As dificuldades apresentadas pela maioria das crianças estão em estruturar frases corretamente de acordo com a sintaxe e a semântica da língua portuguesa.

Palavras-chave: Abordagem Auricular. Deficiência Auditiva. Educação Inclusiva. Implante Coclear.

INTRODUÇÃO

A deficiência auditiva (DA) se constitui como um dos problemas que trazem maiores limitações para o desenvolvimento de uma pessoa. Comumente, crianças com deficiência auditiva, são prejudicadas pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, socioafetivo, linguístico e político-cultural, e sofrem perdas consideráveis em todo processo de desenvolvimento da aprendizagem, enfrentando, inclusive, muitos entraves para participarem da educação escolar, tanto por conta da perda de audição, como também pela forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas.

“O maior problema existente na escolarização das pessoas com deficiência auditiva diz respeito às práticas pedagógicas aplicadas nas salas de aula” (BERRO, 2010, p. 11). Assim, torna-se necessário que na prática docente ocorra uma ação-reflexão constante acerca do tema em tela, visando à inclusão escolar das pessoas com DA, tendo em vista a capacidade desses indivíduos de frequentar e aprender em escolas comuns, contrariando o discurso da exclusão escolar (BRASIL, 2007).

Apoiando-se na oralidade e/ou gestos para escrever, a criança com deficiência auditiva necessita de constante reforço analítico e de grande variedade de recursos para impulsionar a construção de sua linguagem escrita, em um momento em que ainda passa

pela construção e aprimoramento de sua linguagem oral (DUARTE; BRAZOROTTO, 2009, p. 472).

Para uma intervenção efetiva relacionada à linguagem escrita, a opção educacional escolhida pela família para o desenvolvimento linguístico da criança com deficiência auditiva deverá ser considerada, e os programas de reabilitação para o desenvolvimento da audição e linguagem oral (Abordagem Aurioral), poderão contar com atuação terapêutica para promover a aquisição e o desenvolvimento da linguagem escrita, o que despertou o interesse em desenvolver este estudo, como forma de favorecer o processo de aprendizagem de leitura e escrita, além de auxiliar o enriquecimento da linguagem oral e do vocabulário das crianças as quais atua diariamente.

Assim, justifica-se a importância de analisar a escrita de crianças com Deficiência Auditiva sensorioneural, em processo de reabilitação na abordagem aurioral, em fase de alfabetização, incluídas no Ensino Regular, para verificar as suas dificuldades na construção da escrita e também identificar o nível de desenvolvimento da escrita de cada participante da pesquisa, de acordo com os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985).

1 A DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA VIDA DA CRIANÇA

As consequências da deficiência auditiva na vida de uma criança são consideráveis, pois dependendo do grau da deficiência auditiva, pode provocar danos linguísticos, cognitivos, emocionais, sociais e escolares e, possivelmente, produzir graves limitações na vida do indivíduo, visto que a linguagem é a principal função mental do ser humano.

Neste sentido, a deficiência auditiva pode gerar no indivíduo bloqueios comunicativos, levando a não participação na sociedade do ouvinte, o que leva a pessoa com deficiência auditiva a sofrer sérias dificuldades escolares e

inserção social (MORET 2005; PONTES; VITTO; JUSTO, 2005).

Duarte e Brazorotto (2009) afirmam que a aquisição da linguagem em crianças com deficiência auditiva requer atenção especial para que suas dificuldades não limitem o processo de construção da linguagem. Geralmente, essas crianças possuem diminuição no conhecimento geral de mundo, vocabulário empobrecido, pouco conhecimento acerca da estrutura sintática da língua e, conseqüentemente, dificuldades de comunicação.

Para Battaglini, Bevilacqua e Souza (2012), a privação sensorial auditiva pode impor prejuízos severos em algumas áreas do comportamento adaptativo, tais como: socialização, linguagem e escolarização. Portanto, crianças que apresentam dificuldades em processar os estímulos sonoros da fala, estarão sujeitas a apresentar dificuldades de leitura e escrita.

1.1 CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA E A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

Zorzi (2000) afirma que crianças com deficiência auditiva apresentam os mesmos tipos de alterações categorizadas na escrita e na leitura de crianças ouvintes, porém, o número de alterações é superior. Estudos indicam que os 'erros' fazem parte da aprendizagem que a criança vai construindo para chegar a conhecimentos mais aprofundados sobre a escrita. Neste mesmo estudo, o autor nos aponta algumas dificuldades e erros típicos e esperados na aquisição da escrita tais quais: substituições de letras em razão da possibilidade de representações múltiplas; apoio na oralidade; omissões; junção – separação indevida de palavras; confusão am x ão; generalização; trocas, envolvendo substituições entre letras que representam os fonemas surdos e sonoros; acréscimo de letras; confusões entre letras parecidas; inversões.

O diagnóstico e o atendimento precoce, os graus de perda auditiva, o uso dos recursos eletrônicos auxiliares da audição (aparelhos de amplificação sonora individual, implantes cocleares e ainda, sistemas de frequência modulada) e um trabalho de reabilitação na abordagem voltada para facilitar o desenvolvimento natural da linguagem oral, são variáveis que facilitam o surgimento dos níveis de conceituação da escrita na criança com deficiência auditiva (LOPES, 1989).

Assim, os fatores biológicos, neuropsicológicos, psicossociais e pedagógicos influenciam para o sucesso ou fracasso no processo de ensino – aprendizagem da leitura e da escrita (PINHEIRO, 2001; SALLES; PARENTE, 2006).

Carvalho (2005) e Gondim (2007) observaram que Ferreiro e colaboradores buscaram no Construtivismo de Piaget uma base para compreender como as crianças aprendem a língua escrita. De acordo com estudos das autoras, a construção da escrita ocorre por meio das relações estabelecidas, da organização de ideias, da internalização dos conceitos e das hipóteses elaboradas pelas crianças até alcançar a escrita alfabética.

Pesquisas realizadas por Ferreiro (1985) e Ferreiro e Teberosky (1985) consideraram que todas as crianças passam por diferentes níveis de conceptualização da escrita e que o ritmo de progressão nesse processo depende basicamente da quantidade e qualidade de contato com a linguagem escrita a que a criança tem acesso. As autoras em seus estudos concluíram que as crianças passam por cinco níveis de aprendizagem representados através das hipóteses elaboradas por elas e que são sistematizados da seguinte maneira: pré-silábico, silábico, silábico- alfabético, alfabético e ortográfico.

1) Pré-silábico: a criança acredita que a escrita é representada por desenhos e, ou símbolos quaisquer sem nenhuma conotação sonora, sem fazer a correspondência entre grafia e som. Nesta etapa, considera que apenas o desenho é necessário para representar a escrita.

2) Silábico: a criança percebe a sílaba como segmento da fala, acreditando que cada letra a representa graficamente. Nesse nível, procura efetuar uma correspondência entre grafia e sílaba. Ex: BARCO, escreve uma letra para cada sílaba (B) / (BAR) e (U) / (CO) → BARCO, demonstrando uma construção de conscientização fonológica, iniciando uma vinculação entre oralidade e escrita.

3) Silábico- alfabético: a criança já percebe o valor sonoro das letras e ora escreve com sílabas completas, ora com uma letra, representando uma sílaba na tentativa de manter a hipótese silábica. Ex: MACACO, pode utilizar (M) / (MA) e (K) / (CA) e (U) / (CO) → MAKU. Ela mantém a hipótese silábica anterior e acrescenta

mais letras, porque percebe que a hipótese silábica não é suficiente. Durante esta etapa, ela pode alternar sua escrita, usando vogais ou consoantes.

4) Alfabético: neste nível, a criança escreve como ouve e fala. A escrita é organizada com base na correspondência entre grafias e fonemas.

5) Ortográfico: nível de contínua construção, em que vai adquirindo e dominando as irregularidades da língua no decorrer da vida.

De acordo com Barrera (2000), a teoria construtivista de Ferreiro (1985) tem um papel fundamental na compreensão das etapas da escrita por que passam as crianças durante a apropriação desta, porém não dá conta por si só de todos os fatores envolvidos no processo de alfabetização.

Com a inclusão escolar, subentende-se que a permanência da criança com deficiência auditiva no âmbito escolar dar-se-á de forma natural e que a aquisição da leitura e escrita ocorrerá da mesma forma que acontece com a criança ouvinte. Portanto,

2 MÉTODO

Participaram deste estudo, seis crianças com perda auditiva sensorioneural, na faixa etária entre sete e oito anos, em fase de alfabetização, todas fazendo uso de implante coclear¹ e ou AASI. Inicialmente, foi feita uma pesquisa nos prontuários do HRAC-USP, para obtenção de informações sobre o resumo clínico de cada criança.

Todos os procedimentos foram realizados no Cedau e o instrumento para a coleta de dados foi constituído de uma prova de 4 palavras e 1 frase, adaptada de Grossi (1987), que consiste em três módulos, ou seja, a cada módulo são ditadas as 4 palavras e uma frase, resultando em ditado de 12 palavras e três frases.

Sob a perspectiva de que a leitura e a escrita se compõem como elementos fundamentais no cotidiano do indivíduo nos dias atuais, sobretudo por vivermos na era da informação, em que o acesso à maioria das informações se dá por meio da leitura, transmitida através da escrita, assim, torna-se imperativo que o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita pela criança com deficiência auditiva seja acompanhada desde o início pela família, escola e reabilitadores, para que a criança tenha pleno desenvolvimento, saudável e equilibrado, considerando seu desenvolvimento da linguagem oral (BERRO et al., 2008, p. 66).

Considerando a importância do acompanhamento no processo de aquisição da linguagem escrita pela criança com deficiência auditiva, o presente estudo teve como objetivo, analisar a escrita de seis crianças com perda auditiva sensorioneural que frequentam o Cedau (HRAC-USP), em fase de alfabetização, para verificar em qual nível se encontra cada criança, segundo os níveis de aprendizado de leitura e escrita de Emília Ferreiro, analisando os erros ortográficos de cada criança.

Cada criança recebeu uma folha de papel A4 (papel de resposta) e um lápis, para realizar a escrita das palavras e frase, conforme ditadas pela pesquisadora. Foram orientadas para prestarem bastante atenção às instruções, pois só seriam repetidas as palavras e frase uma vez e que não poderia auxiliá-las. O ditado das palavras iniciava após a pesquisadora certificar-se de que as crianças realmente haviam compreendido a informação, considerando o nível de compreensão de cada criança, com o uso dos dispositivos eletrônicos.

Para a caracterização das crianças, consideraram-se a idade, gênero tipo, grau e causa da deficiência auditiva, os dispositivos eletrônicos auxiliares da audição usados pelas crianças, idade auditiva, o tempo de reabilitação

¹ Implante coclear: Trata-se de uma prótese inserida cirurgicamente e que funciona de forma computadorizada, substituindo parcialmente as

funções da cóclea, ou seja, transforma energia sonora em sinais elétricos que serão interpretados no córtex auditivo (TENOR; DELIBERATO, 2016, p. 82).

no Cedau, o ano escolar frequentado na época da coleta de dados e a rede de ensino de sua escola. Para melhor visualização, esses dados

serão apresentados individualmente, como seguem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 CRIANÇA B1

Idade e Gênero	Tipo e grau da deficiência auditiva	Causa da Deficiência auditiva	Dispositivos Eletrônicos auxiliares à audição	Idade auditiva	Tempo de reabilitação	Escola Estadual
8 anos e 6 meses Feminino	Sensório-neural Profundo bilateral	Idiopática	Bi implante	Orelha direita: 2 anos e 7 meses Orelha esquerda: 5 anos e 3 meses	7 anos	3º ano Ensino Fundamental

3.1.1 Descrição do comportamento da criança

Em todas as fases da aplicação da prova, B1 demonstrou bastante insegurança durante o processo de escrita, ou seja, olhava para os outros coleguinhas que estavam sentados próximos a ela, solicitava à pesquisadora que repetisse as palavras algumas vezes e procurava pistas olhando em direção ao rosto da mesma.

3.1.1.1 Análise da Produção da escrita

Prova das quatro palavras e uma frase adaptada de Grossi (1987):

► Palavras: boi – BOI; cobra – CORBA; cavalo – CA VALO; borboleta – BOBORLETA.

◆ Frase: O boi come mato: O BOI CONENATO.

► Palavras: pão – PÃ O; fogão – FOGANO; panela – PANELA; geladeira – GELADIRA.

◆ Frase: A panela está no fogão: APANELA SE TANOFOGO.

► Palavras: pé – PÉ; luva – LUA; sapato – SAPATO; camiseta – CANOISETA.

◆ Frase: O sapato está sujo: O SAPATO SETA SUCO.

Analisando qualitativamente a escrita de B1, observa-se que apesar de a mesma frequentar o 3º ano do ensino fundamental,

apresenta alterações ortográficas incompatíveis com seu nível escolar. Zorzi (2000) afirma que crianças com deficiência auditiva apresentam os mesmos tipos de alterações categorizadas na escrita e na leitura de crianças ouvintes, porém o número de alterações é superior. Considerando os estudos de Zorzi (2000), a criança apresentou as seguintes alterações: confusão entre letras parecidas: camiseta – <CANOISETA>; sujo – <SUCO>; inversões: cobra – <CORBA>; está – <SETA>; borboleta – <BOBORLETA>; junção/separação indevida de palavras: cavalo – <CA VALO>; come mato – <CONENATO>; pão – <PÃ O>.

Durante a aplicação da prova, foi observado que na produção da escrita B1 tem dificuldade em escrever as letras de forma regular; não tem domínio na direção da escrita (começa em uma linha e termina na debaixo). Seus registros são confusos, com sobreposição de letras. Entretanto, B1 realiza leitura de palavras simples e frases curtas, mas ainda não realiza o processo de escrita com autonomia, ou seja, apresenta dificuldades para estruturar frases corretamente de acordo com a sintaxe e a semântica da língua portuguesa. Diante dos achados e considerando que a criança escreve conforme ouve e fala, e sua escrita é baseada na correspondência grafia e fonema, a mesma encontra-se no nível alfabético de aprendizagem, conforme Ferreiro e Teberosky (1985).

3.2 CRIANÇA B2

Idade e Gênero	Tipo e grau da deficiência auditiva	Causa da deficiência auditiva	Dispositivos eletrônicos auxiliares à audição	Idade auditiva	Tempo de reabilitação	Escola Municipal
7 anos e 5 meses Masculino	Sensório-Neural Profundo Unilateral + moderado	Idiopática	Implante + AASI	Orelha direita: 1 ano e 11 meses Orelha esquerda: 3 anos e 9 meses	2 anos	2º ano Ensino Fundamental

3.2.1 Descrição do comportamento da criança

Em todas as fases da aplicação da prova, B2 demonstrou segurança durante o processo de escrita, permaneceu calmo e concentrado diante das informações que foram passadas, sempre apresentando um semblante sereno.

3.2.1.1 Análise da Produção da escrita

Prova das quatro palavras e uma frase adaptada de Grossi (1987):

- ▶ Palavras: boi – BOI; cobra – CORBRA; cavalo – CAVALO; borboleta – BO RBOLETA.
♦ Frase: O boi come mato: O BOI COWEMATO.
- ▶ Palavras: pão – POM; fogão – FOGM; panela – PANALA; geladeira – LELADE IRA.
♦ Frase: A panela está no fogão: A PANELA ESTA NOFOM.
- ▶ Palavras: pé – PÊ; luva – LUVA; sapato – SAPATO; camiseta – CAMIZTA.
♦ Frase: O sapato está sujo. O SAPATO ESTA SUZO.

Analisando a produção da escrita de **B2**, observa-se que apesar de o mesmo frequentar o 2º ano do ensino fundamental, também apresenta alterações ortográficas incompatíveis com seu nível escolar, assim como B1, o que corrobora com a opinião de vários autores de que a deficiência auditiva pode prejudicar, além de outros processos, o processo de aprendizagem da leitura e escrita da criança

com deficiência auditiva, já que a linguagem é a principal função mental do ser humano (MORET; 2005; PONTES, VITTO, JUSTO, 2005). Observaram-se na produção de B2 algumas dificuldades: não sistematizou a escrita cursiva, predominando a letra imprensa, não realizou o processo de escrita com autonomia, apresentou dificuldades para estruturar frases corretamente de acordo com a sintaxe e a semântica da língua portuguesa.

Segundo Zorzi (2000), os erros típicos e esperados na aquisição da escrita, fazem parte da construção da mesma, apesar de que nas crianças com deficiência auditiva são superiores. As alterações apresentadas pela criança B2, foram omissões: camiseta – CAMIZTA; fogo – FOM; confusão am x ão: pão – POM; fogão – FOGM; acréscimo de letras: cobra – CORBRA; letras parecidas: come – COWE; sujo – SUZO; inversões: geladeira – LELADEIRA.

De acordo com os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), B2 encontra-se no nível de aprendizagem silábico-alfabético, caminhando para o alfabético, considerando que ainda escreve palavras com sílabas completas (PANELA) e, às vezes, escreve apenas com uma letra, representando uma sílaba na tentativa de manter a hipótese silábica (CAMIZTA). Observa-se que B2 escreve conforme ouve e fala e faz a correspondência grafia e fonema.

3.3 CRIANÇA I

Idade e Gênero	Tipo e grau da deficiência auditiva	Causa da Deficiência auditiva	Dispositivos eletrônicos auxiliares à audição	Idade auditiva	Tempo de reabilitação	Escola Privada
8 anos e 9 meses feminino	Sensório-neural Profundo bilateral	Citomegalovírus	Bi implante	Orelha direita: 7 anos e 9 meses Orelha esquerda: 4 anos e 9 meses	6 anos	3º ano Ensino Fundamental

3.3.1 Descrição do comportamento da criança

A criança I demonstrou muita insegurança no primeiro dia de aplicação da prova, mas não demonstrou recusa. Solicitava várias vezes a presença da pesquisadora para certificar-se de que havia escrito de forma correta. Tal comportamento não ocorreu nas provas subsequentes pelo fato de a pesquisadora explicar-lhe novamente todo o procedimento em relação às etapas seguintes. Após a devida explicação, a criança demonstrou melhor compreensão, permanecendo calma e concentrada nas informações que lhe foram passadas, sempre com um semblante sereno, demonstrando estar confiante no que escrevia.

3.3.1.1 Análise da produção da escrita

Prova das quatro palavras e uma frase adaptada de Grossi (1987):

► Palavras: boi – BOI; cobra – COBA; cavalo – CAVALO; borboleta – BOBOTA.

◆ Frase: O boi come mato: OI BOI COBA MATO.

► Palavras: pão – PÃO; fogão – FOO; panela – PALELA; geladeira – GALEDA.

◆ Frase: A panela está no fogão: A PALELA ETA FO.

► Palavras: pé – PÉ; luva – UFA; sapato – SAPATA; camiseta – CAMSTA.

◆ Frase: O sapato está sujo: O SATO ETA SOSO.

Ao analisar o resultado dos módulos da prova da criança I, observa-se que apesar de a mesma frequentar o 3º ano do ensino

fundamental, apresenta uma escrita incompatível com seu nível escolar, assim como B1 e B2. Não possui independência para realizar o processo de escrita com autonomia, ou seja, apresenta dificuldades para estruturar frases corretamente de acordo com a sintaxe e a semântica da língua portuguesa.

Na literatura, encontramos estudos que comprovam que crianças que apresentam dificuldades em processar estímulos sonoros da fala, como as crianças com deficiência auditiva, estão sujeitas a apresentar dificuldades também no processo de aprendizagem da escrita (BATTAGLINI; BEVILACQUA; SOUZA, 2012). As crianças que usam o IC precocemente e com uma reabilitação adequada, sem outros comprometimentos, geralmente apresentam menos dificuldades. Conforme categorização na escrita de Zorzi (2000), a criança I apresentou as seguintes alterações ortográficas, apoio na oralidade: come – COBA; panela – PALELA; omissões: cobra – COBA; Borboleta – BOBOTA; camiseta – CAMSTA; fogo – FOO; geladeira – GALEDA; está – ETA; fogo – FO; luva – UFA; sapato – SATO, confusão: am X ão, está – ETã; surdas/sonoras: sujo – SOSO; acréscimo de letras: o – OI; letras parecidas: sapato – SAPATA.

Os resultados de sua prova demonstram que a criança I enquadra-se no nível silábico-alfabético com traços do alfabético baseado nas hipóteses de Ferreiro e Teberosky (1985). Observa-se nas palavras camiseta – CAMSTA; luva – UFA; fogo – FOO; por exemplo, que ora ela omite vogal, ora consoante, na tentativa de manter a hipótese silábica. Entretanto, procura

escrever conforme ouve e fala, assim como, fazer a correspondência grafema e fonema.

3.4 Criança J

Idade e Gênero	Tipo e grau da deficiência auditiva	Causa da Deficiência auditiva	Dispositivos eletrônicos auxiliares à audição	Idade auditiva	Tempo de reabilitação	Escola Privada
7 anos e 9 meses Masculino	Sensório-neural Profundo bilateral	Idiopática	Bi implante	Orelha direita: 1 ano e 6 meses Orelha esquerda: 5 anos e 4 meses	6 anos	2º ano Ensino Fundamental

3.4.1 Descrição do comportamento da criança

A criança J demonstrou segurança durante o processo de escrita, pois durante todas as fases de aplicação do teste permaneceu calmo e concentrado nas informações que lhe foram passadas, sempre demonstrando confiança no que estava escrevendo.

3.4.1.1 Análise da Produção da escrita

Prova das quatro palavras e uma frase adaptada de Grossi (1987):

- ▶ Palavras: boi – BOI; cobra – COBRA; cavalo – CAVALO; borboleta – BORBOLETA.
♦ Frase: O boi come mato: O BOI COME O MATO.
- ▶ Palavras: pão – PÃO; fogão – FOGÃO; panela – PANELA; geladeira – GELADEIRA.
♦ Frase: A panela está no fogão: A PANELA ESTA NO FOGO.
- ▶ Palavras: pé – PÉ; luva – LUVA; sapato – SPATO; camiseta – CAMIZETA.
♦ Frase: O sapato está sujo: O SAPATO ESTA XUXO.

Analisando as provas da criança J, observa-se que as alterações ortográficas apresentadas por ela são compatíveis com seu nível escolar, ou seja, o 2º ano do ensino fundamental. Pode-se afirmar que a criança J foi

diagnosticada e adaptada precocemente, faz uso efetivo de bi-implante coclear e do FM na escola e participa assiduamente de programa de reabilitação em uma abordagem voltada para facilitar o desenvolvimento natural da linguagem oral, além de ter uma família extremamente envolvida e comprometida com sua reabilitação, o que favorece o surgimento dos níveis de conceituação da escrita na criança com deficiência auditiva, conforme afirmam Lopes (1989) e Duarte e Brazorotto (2009).

Considerando os estudos de Zorzi (2000), a criança apresentou poucas alterações ortográficas: surdas/sonoras: sujo – XUXO; acréscimo de letras: o – OO; letras parecidas: camiseta – CAMIZETA.

A criança J apresenta poucas dificuldades no processo de construção da escrita e sente-se insegura em relação à pontuação e acentuação das palavras, o que é comum neste processo. Sua escrita é organizada, com base na correspondência entre grafias e fonemas. Portanto, embasado nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985) a criança J encontra-se no nível alfabético.

3.5 Criança L

Idade e Gênero	Tipo e grau da deficiência auditiva	Causa da Deficiência auditiva	Dispositivos eletrônicos auxiliares à audição	Idade auditiva	Tempo de reabilitação	Escola Privada
7 anos e 9 meses Feminino	Sensório-neural Profundo bilateral	Neuropatia	Bi implante	Orelha direita: 1 ano e 4 meses Orelha esquerda: 5 anos e 1 mês	2 anos	2º ano Ensino Fundamental

3.5.1 Descrição do comportamento da criança

A criança L demonstrou um pouco de insegurança no primeiro dia de aplicação do teste, apesar de não demonstrar recusa em escrever. Solicitou algumas vezes a presença da pesquisadora para certificar-se de que havia escrito de forma correta, o que ocorreu apenas durante o início da primeira aplicação da prova.

3.5.1.1 Análise da Produção da escrita

Prova das quatro palavras e uma frase adaptada de Grossi (1987):

► Palavras: boi - POGO; cobra – COHEO; cavalo – CA VALO; borboleta – BOBLEA.

◆ Frase: O boi come mato: POGIO – NIZNTA – NAZFO.

► Palavras: pão – PÃO; fogão – FOGO; panela – NTELT; geladeira – NTELNTA.

◆ Frase: A panela está no fogão: NTELNTA – AENTA – FOIGO.

► Palavras: pé – PE; luva – UUNHA; sapato – SATOPE; camiseta – INTELNT.

◆ Frase: O sapato está sujo: SANTNT – SATOPÉNANO.

Analisando qualitativamente a escrita de L, observa-se que apesar de a mesma frequentar o 2º ano do ensino fundamental, apresenta alterações ortográficas incompatíveis com seu nível escolar. Baseada nos estudos de Zorzi (2000), a criança apresentou as seguintes alterações em sua escrita: apoio na oralidade: borboleta – BOBLEA ; sapato – SATOPÉ;

omissões: cobra – COHEO; Borboleta – BOBLEA; fogão – FOGO; acréscimo de letras: fogo – FOIGO; luva – UUNHA, o que vem de encontro com os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), as quais relatam que no processo de escrita a criança passa pela fase em que percebe a sílaba como segmento da fala, acreditando que cada letra a representa graficamente. Nesse nível, procura efetuar uma correspondência entre grafia e sílaba, demonstrando uma construção de conscientização fonológica, iniciando uma vinculação entre oralidade e escrita. Portanto, de acordo com as hipóteses de Ferreiro e Teberosky (1985) a criança L encontra-se no nível silábico com traços para o silábico-alfabético, já que também percebe o valor sonoro das letras e a hipótese silábica das palavras. Tanto que escreve palavras usando uma sílaba ou uma letra para representar uma sílaba, assim como acrescenta mais letras ao achar que a hipótese silábica não é suficiente.

3.6 Criança S.

Idade e Gênero	Tipo e grau da deficiência auditiva	Causa da deficiência auditiva	Dispositivos eletrônicos auxiliares à audição	Idade auditiva	Tempo de reabilitação	Escola Privada
7 anos e 10 meses Masculino	Sensório-neural Profundo bilateral	Idiopática	Bi implante	Orelha direita: 1 ano e 9 meses Orelha esquerda: 6 anos e 1 mês	4 anos	2º ano Ensino Fundamental

3.6.1 Descrição do comportamento da criança

S demonstrou muita insegurança no primeiro dia de aplicação do teste, apesar de não demonstrar recusa. Solicitava várias vezes a presença da pesquisadora para certificar-se de que havia escrito de forma correta. Quando não atendia o seu chamado de imediato, percebia que ele buscava as respostas nos registros das outras crianças. Este comportamento ocorreu durante todo o tempo de aplicação das coletas. Esta criança necessitou ser chamada para conversar, e a pesquisadora explicou-lhe novamente todo o procedimento em relação às etapas seguintes. Apesar de ter entendido, continuou com o mesmo comportamento até a etapa final do teste.

3.6.1.1 Análise da Produção da escrita

Prova de quatro palavras e uma frase adaptada de Grossi (1987):

- ▶ Palavras: boi - POLHA; cobra – CAPA; cavalo – CAVAVALA; borboleta – POPOLE.
 - ◆ Frase: O boi come mato: OPO – CAMI MATO.
- ▶ Palavras: pão – PÃO; fogão – FOCA; panela – PALELA; geladeira – LELATELA.
 - ◆ Frase: A panela está no fogão: OMALE – ESTA – FOCACA.
- ▶ Palavras: pé - PE; luva – LUFA; sapato – SAPATO; camiseta – CACETA.
 - ◆ Frase: O sapato está sujo: O SAPATO EDAFUFUX.

Analisando qualitativamente a escrita de S, observa-se que apesar de o mesmo frequentar o 2º ano do ensino fundamental, apresenta alterações ortográficas incompatíveis com seu nível escolar. Zorzi (2000) afirma que crianças com deficiência auditiva apresentam os mesmos tipos de alterações categorizadas na escrita e na leitura de crianças ouvintes, porém o número de alterações é superior. Considerando os estudos de Zorzi (2000), a criança apresentou as seguintes alterações ortográficas: apoio na oralidade: come – CAMI; panela – PALELA; geladeira – LELATELA; camiseta – CACETA; está sujo – IDAFUFU; omissões: fogão – FOCA; junção/separação: o boi – OPO; acréscimo de letras: cavalo – CAVAVALO; letras parecidas: borboleta – POPOLE; luva – LUFA.

Conforme os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), a criança se encontra no nível silábico-alfabético, percebendo o valor sonoro das letras ao escrever, ora com sílabas completas (geladeira – LELATELA), ora com uma letra, representando uma sílaba na tentativa de manter a hipótese silábica (panela – OMALE). Ao escrever CAVAVALO, ao invés da palavra cavalo, ela mantém a hipótese silábica anterior e acrescenta mais uma letra, percebendo que a hipótese silábica não é suficiente. Por outro lado, percebe-se que a criança caminha para o nível alfabético, pois escreve como ouve e fala e organiza sua escrita com base na correspondência grafias e fonemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi aplicada em alunos que frequentam a reabilitação na abordagem auditiva/oral, todos em fase de alfabetização e que frequentam a escola regular. A prova utilizada para avaliar as 6 (seis) crianças com deficiência auditiva neurossensorial foi a prova das 4 palavras e uma frase adaptada de Grossi (1987), a qual permitiu compreender em qual hipótese da escrita cada criança está, conforme demonstrado nos resultados, com base nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985) que estudaram sobre a construção da linguagem escrita na criança. Neste estudo percebeu-se a natureza da relação entre o real e sua representação, ou seja, uma revolução conceitual da alfabetização. Destaca-se, assim, que a escrita da criança não resulta de simples cópia de um modelo externo, mas sim, de um processo de construção pessoal.

Durante o processo de avaliação, uma das 6 (seis) crianças demonstrou estar no nível de leitura silábico alfabético. Neste nível, a criança está trabalhando com a hipótese silábica e faz uso de duas formas gráficas para escrever palavras com duas sílabas e pelo menos três

caracteres. Três das crianças demonstraram estar no nível alfabético, onde começam a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente. Já duas das crianças analisadas encontram-se no nível alfabético - ortográfico, ou seja, concebem a leitura e a escrita da maneira que nós, adultos, a concebemos, percebendo que a cada som corresponde a uma determinada forma; que há grupos de letras separada por espaços em branco, grupos estes que correspondem a cada uma das palavras escritas.

Enfim, as alterações mais encontradas na escrita das crianças avaliadas foram os aspectos ortográficos, demonstrando, assim, que estão abaixo do esperado para a idade e para a escolaridade, apesar de que todos estão em processo de alfabetização. As principais dificuldades encontradas pelas crianças está em estruturar frases corretamente, de acordo com a sintaxe e a semântica da língua portuguesa, mas nesse contexto, o mais importante é levar em consideração o tempo de perda auditiva da criança e o processo de reabilitação que todos estão recebendo.

REFERÊNCIAS

BARRERA, S. D. **Linguagem oral e alfabetização: um estudo sobre a variação linguística e consciência metalinguística em crianças da 1ª série do ensino fundamental**. São Paulo, 2000, 225p. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BATTAGLINI, Marina Pavão; BEVILACQUA, Maria Cecília; SOUZA, Deisy das Graças de. Desempenho de seleção e nomeação de figuras em crianças com deficiência auditiva com implante coclear. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 20, n. 1, pp.189-202, jun. 2012.

BRASIL. SEESP/ SEED/MEC. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez**. Brasília, 2007.

BERRO, A. G.; OLIVEIRA, K. F.; BRAZOROTTO, J. S. **Manual de orientações para Professores de**

Crianças com Deficiência Auditiva. São Paulo: Editora Santos, 2008. 66p.

BERRO, A. G. **Atuação da Psicopedagogia na Oficina de Leitura e Escrita do Centro Educacional do Deficiente Auditivo**. Araras, 2010. 11f.. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Universitário de Araras, Araras.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DUARTE, J. L.; BRAZOROTTO, J. S. Análise das Estratégias utilizadas num grupo terapêutico pedagógico para auxiliar o desenvolvimento da linguagem escrita em crianças com deficiência auditiva. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 15, n. 3, p. 471-484, 2009.

FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre Alfabetização**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 1985.

_____; Teberosky, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas 1985. 284p.

GONDIM, M. R. A. **Práticas de letramento em classes de alfabetização de crianças e desenvolvimento da consciência fonológica**. Brasília, 2007. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, 2007.

GROSSI, E. P. **Alfabetização em classes populares: avaliação cognitiva**. Porto Alegre: GEEMPA, 1987.

LOPES, L. B. O. Desenvolvimento da língua escrita no deficiente auditivo. In: II ENCONTRO DE ALFABETIZADORES DE DEFICIENTES AUDITIVOS, 2, 1989, Rio de Janeiro.

MORET, A. L. M. Princípios básicos da habilitação da criança deficiente auditiva com implante coclear. In: BEVILACQUA, M. C.; MORET, A. L. M. (Org.). **Deficiência Auditiva: conversando com familiares e profissionais da saúde**. São José dos Campos: Pulso, 2005.

PINHEIRO, A. M. V., NEVES, R.R. Avaliação Cognitiva de leitura e escrita: As tarefas de leitura

em voz alta e ditado. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 2, 2001, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PONTES, A. C. L. R.; VITTO, L. P. M.; JUSTO, M. S. C. Fundamentos de aquisição e desenvolvimento da linguagem. In: BEVILACQUA, M. C.; MORET, A. L. M. (Org.). **Deficiência Auditiva: conversando com familiares e profissionais da saúde**. São José dos Campos: Pulso, 2005.

SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M. P. Funções Neuropsicológicas em Crianças com Dificuldades de Leitura e Escrita. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 153-162, 2006.

TENOR, Ana Claudia; DELIBERATO, Débora. Comunicação da Criança Surda na Perspectiva da Família e de Professores. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 3, n. 2, p. 79-94, Jul./Dez., 2016.

ZORZI, J. L. Consciência fonológica, fases da construção da escrita e seqüência de apropriação da ortografia do Português. In: MARCHESAN, I. Q.; ZORZI, J. L. **Anuário Cefac de Fonoaudiologia**. São Paulo: Revinter, 2000, p. 91-104.